

ENTRE VÉUS E VELAS: FEMININO E INDECIDIBILIDADE

RODRIGUES, CARLA. **ENTRE VÉUS E VELAS: FEMININO E INDECIDIBILIDADE. DUAS PALAVRAS PARA O FEMININO: HOSPITALIDADE E RESPONSABILIDADE. SOBRE ÉTICA E POLÍTICA EM JACQUES DERRIDA.** RIO DE JANEIRO: NAU, 2013.45-87.

Bárbara Bastos Sérgio do Nascimento*

A filósofa Carla Rodrigues, no capítulo intitulado “Entre véus e velas: feminino e indecidibilidade”, do livro *Duas palavras para o feminino*, intenta realizar uma aproximação entre as filosofias nietzschiana e derridiana, partindo de conceitos trazidos pelos autores ao longo de suas trajetórias, mediando as análises com a difícil temática acerca do que seria o feminino.

Inicialmente, a autora analisa conceitos presentes na filosofia de Nietzsche, e inicia sua reflexão afirmando que “Nietzsche ora inverteria o platonismo, ora se deslocaria do registro da metafísica” (RODRIGUES, 2013, p.51). Desta forma, verifica-se que Nietzsche não foi um filósofo que quis estabelecer verdades, e sim negá-las. A partir desse pressuposto Rodrigues indica a perspectiva derridiana, sempre em perspectiva dialógica, alegando que, “em Nietzsche a questão da diferença (sexual) já não é pensada de forma opositiva” (RODRIGUES, 2013, p.51).

A inversão nietzschiana supramencionada seria “um jogo regulado por uma estratégia, um jogo da ‘diferença dos diferentes’” (RODRIGUES *apud* PAUTRAT, 2013, p.55). Dessa ideia surge a concepção de circularidade, que melhor se adequaria ao conceito de inversão, que seria, na realidade, um processo no qual os conceitos de inverter, ultrapassar e deslocar estariam imbricados entre si.

* Graduanda em Direito pela Faculdade de Direito da PUCMINAS. Bolsista de pesquisa do FIP/PUCMINAS 2012-2013. Integrante do Grupo de Estudos sobre Simone de Beauvoir, coordenado pela Profa. Magda Guadalupe dos Santos (IFTDJ-PUC MINAS), desde 2012. Monitora de Direito Penal desde 2013.

A autora então analisa a complexidade do estilo e da escrita de Nietzsche, considerada cortante e falocêntrica para muitos. Destaca que Derrida teria apontado um paradoxo no texto do filósofo alemão, relativo ao fato de *verdade* e *mulher* coincidirem e o fazerem por meio da metáfora do “véu do pudor feminino”, o qual não é suficiente nem sólido para esconder, nem transparente para revelar (RODRIGUES, 2013, p.61). Derrida, em *Éperons*, teria demonstrado como Nietzsche desconstrói as oposições binárias entre masculino e feminino, tão bem alimentadas pela tradição que precisa de apoios fixos para pensar, sobretudo, as diferenças sexuais.

Rodrigues propõe um diálogo de Jacques Derrida e Bernard Pautrat em torno das metáforas nietzschianas do sentido de verdade e mulher. Em Pautrat a verdade não se revela nua, mas sempre encoberta por um véu marcado pela ausência, que remete o leitor às pulsões descritas em *A Origem da Tragédia*, em que se entrecrocam, nas figuras de Apolo e Dioniso, pulsões do belo e da embriaguez, do feminino e do masculino, sem que haja, num primeiro momento, uma nítida separação entre eles, remetendo pois à mistura de dois sexos e à bissexualidade latente.

Em Derrida, a figura da mulher também se volta para a metáfora da dobra, mas sob a tônica dos indecíveis, que nos remetem à mulher, visível e invisível, verdade encoberta e revelada. O indecível em Derrida, buscado da matemática e dos teoremas da incompletude de Kurt Gödel, nos oferece a possibilidade de se afirmar simultaneamente algo que não pode nem ser comprovado, nem refutado. Em Derrida, pode-se ler a indecidibilidade em signos de duplo valor, nos jogos de contradição e não contradição, tal como ressalta no *phármakon* e em *khôra*. Segundo Rodrigues, tais características aproximam o pensamento de Nietzsche e de Derrida, realçando a irredutibilidade do pensamento a um sistema, unidade ou identidade, recaindo-se na afirmação do porvir e do fluxo infinito que permeia a existência. Exemplificando, Derrida destaca a ambivalência da palavra *voile*:

no masculino, *le voile* é o véu, a peça do vestuário feminino que aparece nas metáforas de Nietzsche como aquilo que esconde, que oculta; no feminino, *la voile* é a vela de um veleiro, associada por Derrida à força que move a embarcação mar adentro (RODRIGUES, 2013, p.63).

Assim, em ambos a oposição binária entre os sexos é colocada em xeque, uma vez que o pensamento da desconstrução, inspirado nas ideias supracitadas, não adota uma posição específica, estando entre os dois extremos.

Ainda nesse capítulo, Rodrigues aborda temáticas referentes à *khôra*, terceiro elemento que dá lugar sem ser lugar, possibilitando a existência dos demais elementos. Para Derrida, *khôra* se liga, assim, “à impossibilidade de distinção/separação entre dois pólos, dois pontos que se pretendem opostos, e à experiência do abismo, a *mise en abyme*, o fundo sem fundo” (RODRIGUES, 2013, p.71). Mas *khôra* é também algo amorfo, algo nem sensível nem inteligível que nos remete à mulher, fundo sem fundamento daquilo que vem a ser. O termo *khôra* é também o que nos remete ao *embaraço*, que Derrida apreende do *Timeu* de Platão como sendo “nem isso nem aquilo” e, assim, também uma possibilidade de se ler no âmago da tradição certas possibilidades de ruptura com a leitura canônica e unilateral. *Khôra* é também uma terceira coisa, nem provável, nem inteligível.

No capítulo intitulado “por baixo das saias de uma mulher”, o mito de Baubo ilustra como a verdade não existe, é um nada, sendo a vida polimorfa, em vez de absoluta, como pretendem a metafísica e a dogmática. É na figura da mulher ou do sexo feminino que a relação do sexo, da falta, do enigmático se liga ao riso na filosofia de Nietzsche. O riso equivale à descoberta da “comédia de erros” que é a própria metáfora da filosofia. No ato de rir embaralham-se as cartas do jogo filosófico sempre em busca da verdade. O riso em Nietzsche é também o riso que ecoa em Baubo, que traz em si a crítica à lógica da oposição. Baubo, além de ser uma divindade feminina grega, concentra em seu nome um “embaralhamento das diferenças opositivas” (RODRIGUES, 2013, p.76), uma vez que o suplemento do pênis é denominado pelos gregos de Baubon, denominação que dá origem a Baubo.

Mas Baubo e Baubon são também figuras que desmantelam a oposição entre o fálico e o castrado, oposição que serviu de apoio à teoria psicanalítica freudiana. Além do que Baubo e Dioniso surgem em Nietzsche como a vida polimorfa, segundo a leitura de Sarah Kofman, e nos remetem ao embaralhamento das diferenças de oposição. As metáforas em Nietzsche, como se sabe, são objeto de análise em S. Kofman, entre elas a verdade e a mulher se integram num corpo destituído de fundamento, um nada que se esconde sob as saias de uma mulher.

Destacam-se aqui, nas análises de Rodrigues que correlacionam textos, pensamentos, comentadores e filósofos, as críticas à cultura falocêntrica, que, invariavelmente, associa a presença ao falo e ao pênis, apesar de ambos não serem necessariamente equivalentes. Por isso, a teoria psicanalítica é de certa forma criticada por Derrida, que propõe um deslocamento, no qual dirá que “a castração não tem lugar” (RODRIGUES, 2013, p.81). Tudo o que se quer traduzir, conquistar, segmentar e essencializar é rebaixado, destituído de si, destituído de poder. Essa concepção desconstrutivista derridiana colabora com a conclusão de que o feminino, a mulher e os conceitos relacionados ao gênero não podem ser apropriados e reduzidos a uma visão de mundo seletivista. Devem, entretanto, figurar na categoria do indecível, do inequalizável. Sem dúvida, o livro de Carla Rodrigues nos conduz a uma variante de pensamentos e questionamentos ligados às postulações das máscaras, das diferenças, e, sobretudo, da fragilidade de distinções valorativas entre o masculino e o feminino em bases de verdade e de fundamento.